

Diversidades Sexuais

ADOLESCENTES E JOVENS PARA
A EDUCAÇÃO ENTRE PARES

Saúde e Prevenção nas Escolas





**SAÚDE e PREVENÇÃO
NAS ESCOLAS**

ADOLESCENTES E JOVENS PARA A
EDUCAÇÃO ENTRE PARES

Saúde e Prevenção nas Escolas

Diversidades Sexuais

©2010. Ministério da Saúde

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é da área técnica.

A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada, na íntegra, na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde: <http://www.saude.gov.br/bvs>

1ª edição – 1ª impressão – 2.300 exemplares

Série Manuais nº 69

Produção

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Vigilância em Saúde

Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais

SAF Sul Trecho 2, Bloco F, Torre 1 – Ed. Premium

CEP: 70.070-600 - Brasília – DF

E-mail: aids@aids.gov.br / edicao@aids.gov.br

Home page: <http://www.aids.gov.br>

Disque Saúde / Pergunte Aids: 0800 61 1997

Distribuição e Informações

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Vigilância em Saúde

Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais

SAF Sul Trecho 2, Bloco F, Torre 1 – Ed. Premium

CEP: 70.070-600 - Brasília – DF

E-mail: aids@aids.gov.br / edicao@aids.gov.br

Home page: <http://www.aids.gov.br>

Disque Saúde / Pergunte Aids: 0800 61 1997

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Básica

Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Edifício Sede, sala 500

CEP 70047-900 – Brasília – DF

Homepage: <http://www.mec.gov.br>

E-mail: daso-seb@mec.gov.br

Informações: 0800 61 6161

Edição

Dário Noleto

Myllene Priscilla Müller Nunes

Telma Tavares Richa e Sousa

Projeto gráfico, capa e diagramação

Viração Educomunicação - Ana Paula Marques

Responsável pela Unidade de Prevenção

Ivo Brito

Autoria para esta edição:

Esta publicação é uma adaptação do texto elaborado por Maria Adrião e contou com a participação dos(as) diversos(as) colaboradores(as) listados(as) abaixo. Além disso, foi adaptada das oficinas de formação de jovens multiplicadores(as) do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas.

Consultoria para esta edição

Silvani Arruda

Organizadoras:

Fernanda Lopes

Isabel Cristina Botão

Jeane Félix

Nara Vieira

Revisão Final:

Jeane Félix

Nara Vieira

Colaboradores

Ângela Donini

Carla Perdíz

Cláudio Dias

Dalva de Oliveira

Daniela Ligiéro

Denis Ribeiro

Denis Ricardo Carloto

Denise Serafim

Ellen Zita Ayer

Emília Moreira Jalil

Fernanda Nogueira

Henrique Dantas de Santana

Inocência Negrão

Juny Kraiczky

Lula Ramirez

Magda Chinaglia

Márcia Acioli

Márcia Lucas

Margarita Diaz

Maria Adrião

Maria de Fátima Simas Malheiro

Maria Elisa Almeida Brandt

Maria Rebeca Otero Gomes

Maria Teresa de Arruda Campos

Mariana Braga

Mario Volpi

Nilva Ferreira de Andrade

Ricardo de Castro e Silva

Rosilea Maria Roldi Wille

Sandra Unbehäum

Suylan Midley e Silva

Thereza de Lamare

Vera Lopes

Esta publicação contou com a participação de jovens de todo o Brasil:

Ainoan Arlindo - PR

Alexandro Santos das Virgens - PR

Aneli de Lima Santos – BA

Antônio Pereira de Oliveira Neto – AC

Camila Pinho - MG

Daniele Pereira de Lima - AM

Fábio Assis de Menezes - RO

Fernanda Maria Leite Winter de Oliveira – MG

Fernando da Silveira Angelo -TO

Fernando de Assis Alves - DF

Geise Gleise Sarmento – AP

Gilmar Lindraz e Silva – AL

Hildete Emanuele Nogueira de Souza – BA

Irlon Maciel Ferreira – MS

Ivens Reis Reyner – MG

Janaína Firmino dos Santos – GO

Janaína Nogueira Maia – CE

Jardeles da Costa Nunes – MA

Jefferson Paulo de Oliveira – PR

Jonas Camargo Eugênio – RS

Karina de Oliveira Xavier – PE

Karina Santiago de Assis - MT

Leandro Vilas Verde Cunha – BA

Leila Alves Maranhão – RN

Maís de Souza Ribeiro - AM

Marcos Paulo – DF

Maryellen Oliveira – SP

Nayara Juliana Ribeiro da Costa - PI

Patrickandre Oliveira da Silva - PA

Paula Cristina de Lima Silva – PB

Paulo Cesar da Silva - MT

Raimunda Rodrigues de Menezes – AM

Renata Miranda Mendes – RJ

Rodrigo Aparecido Correia da Silva – SP

Salem Thomaz Salomão – RR

Tatiana dos Santos Gama - MA

Prefácio

A série de fascículos *Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares*, do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), como o próprio nome indica, é destinada a adolescentes e jovens. Tem como objetivo auxiliá-los(as) no desenvolvimento de ações de formação para promoção da saúde sexual e saúde reprodutiva, a partir do fortalecimento do debate e da participação juvenil.

Seu propósito não é ser apenas mais um conjunto de fascículos, e sim trazer provocações e aprofundar o conhecimento que os(as) adolescentes e jovens têm a respeito de temas presentes em toda a sociedade, e que muitas vezes são tratados de maneira equivocada ou com preconceitos. Ao mesmo tempo, deseja orientar o trabalho por meio de oficinas, debates e leituras. Pretende, também, provocar reflexões e instigar o diálogo sobre as temáticas do SPE dentro das escolas brasileiras.

Os temas fundamentais destes fascículos são dados pelos eixos de ação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas, que têm como objetivo central desenvolver estratégias de promoção dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos, de promoção da saúde, de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, do HIV e da aids, e da educação sobre álcool e outras drogas, com adolescentes e jovens escolares, por meio do desenvolvimento articulado de ações no âmbito das escolas e das unidades básicas de saúde.

O SPE é conduzido, no âmbito federal, pelo Ministério da Educação e pelo Ministério da Saúde, em parceria com a UNESCO, o UNICEF e o UNFPA. Essas instituições constituem o Grupo de Trabalho Federal (GTF) que está encarregado da elaboração de diretrizes, avaliação e monitoramento do Projeto.

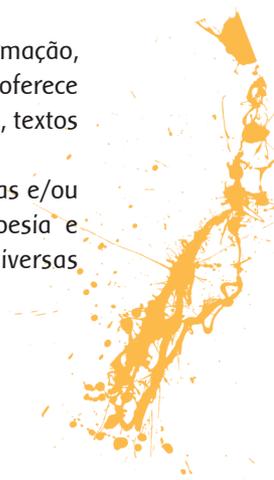
Acreditando que adolescente aprende mais com adolescente, o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, por meio do GTF, convocam adolescentes e jovens a intensificar o diálogo entre seus pares. Partem, também, da convicção de que os setores Saúde e Educação estão relacionados a vários temas que precisam ser contextualizados e discutidos, tais como: sexualidade, prevenção das DST/HIV/aids, cidadania, participação, direitos, relações de gênero, diversidade sexual, raça e etnia.

O trabalho com esses temas exige uma abordagem pedagógica que inclui informação, reflexão, emoção, sentimento e afetividade. Por isso, este conjunto de fascículos oferece uma variedade de conteúdos e trabalha com conceitos científicos, poesias, música, textos jornalísticos, dados históricos e de pesquisa, entre outros.

Cada um deles contém: texto básico; materiais de apoio, com informações variadas e/ou curiosidades sobre o que se discutirá em cada oficina; letras de músicas, poesia e sugestões de filmes que mostram como o tema tem sido tratado em diversas manifestações culturais e em diferentes lugares, no Brasil e no mundo.

A partir de agora, o debate está cada vez mais aberto.

Ministério da Saúde
Ministério da Educação



Sumário

Apresentação

Para início de conversa	13
-------------------------------	----

Oficinas

Oficina 1 - A delícia de ser quem somos	19
Oficina 2 - É ou não é?	27
Oficina 3 - Situações desafiadoras	33
Oficina 4 - Qualquer maneira de amor vale a pena	38
Oficina 5 - Diversidades e violências	42
Oficina 6 - Diferentes, porém iguais	46

Para saber mais

Sessão de cinema	51
Perguntas e respostas	53

Referências	56
-------------------	----



Apresentação

Este fascículo traz uma série de oficinas e textos sobre o tema diversidade sexual, focado, prioritariamente, no desconhecimento que a maioria das pessoas tem sobre as diferentes possibilidades de expressão e vivência da sexualidade. Acreditamos que, para diminuir os padrões de desigualdade e violência existentes no Brasil hoje, é necessário valorizar-se a diferença, situando-a no terreno da ética, dos Direitos Humanos e da emancipação.

Correlacionando gênero, sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual, este fascículo propõe uma metodologia participativa, em que adolescentes e jovens são vistos como sujeitos ativos em todo o processo, a partir de uma perspectiva inclusiva onde se reconheça e se respeite a pluralidade das identidades e dos comportamentos relacionados à sexualidade.

O fascículo *Diversidades Sexuais* inicia-se com um texto que descreve, brevemente, alguns conteúdos sobre o tema. Algumas atividades práticas são propostas sempre com a intenção de se estabelecer uma reflexão crítica e problematizadora a qual permita, inclusive, identificar a vulnerabilidade específica em relação ao HIV/aids a que estão expostos(as) adolescentes e jovens da comunidade LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – comumente excluídos e discriminados no espaço público.

Tanto os textos quanto as atividades práticas baseiam-se nas publicações: *Diversidade Sexual na Escola*: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens (CORS/ECOS, 2008) e *Gênero e Diversidade Sexual na Escola*: reconhecer diferenças e superar preconceitos (SECAD/MEC)¹. Levaram em conta, principalmente, as necessidades dos(as) adolescentes e jovens apontadas por ativistas que participaram de sua elaboração.

Cada oficina descreve, minuciosamente, cada passo da proposta visando a facilitar a sua aplicação pelo(a) educador(a) entre pares. Segue o roteiro abaixo:

Objetivo: o que se pretende obter com a aplicação da oficina.

Material: o que é necessário ter em mãos para a realização da oficina. Na maioria dos casos, os materiais propostos são muito simples, baratos e acessíveis.

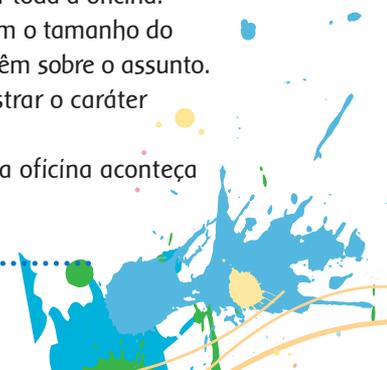
Questões a serem respondidas: são perguntas-chave a serem feitas ao final da oficina para discussão, reflexão e aprofundamento de situações mais polêmicas ou complexas.

Tempo: o número aproximado de horas necessárias para desenvolver toda a oficina. Ressalte-se, no entanto, que essa estimativa poderá variar de acordo com o tamanho do grupo, idade dos(as) participantes e o conhecimento que elas e eles já têm sobre o assunto.

Integração: um quebra-gelo inicial para descontrair o grupo e mostrar o caráter lúdico da proposta.

Atividade: descrição detalhada de cada ação necessária para que a oficina aconteça da forma mais fácil e abrangente possível.

¹ Cadernos SECAD/ Ministério da Educação, 2007, disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad>



Conclusão: as ideias principais que devem ser transmitidas aos(às) participantes.

Finalização: uma avaliação bem simples da atividade realizada e um relaxamento final.

Por fim, alguns destaques, informações legais, curiosidades ou depoimentos foram agregados a algumas oficinas.

No final deste fascículo, na seção "Para saber mais", estão dicas de filmes que tratam dos temas trabalhados e uma sessão de perguntas e respostas para aprofundar os conhecimentos sobre o assunto.



Para início de conversa²

Sabemos que a humanidade é formada por seres plurais e diversos quanto à maneira de ser, sentir, raciocinar, agir e perceber a vida. Essas pluralidades e diversidades também se aplicam à forma como nos relacionamos afetivamente e/ou sexualmente com outras pessoas. Isso significa que não existe um *modo único* de relação, que supostamente seja “natural”, “certo” ou “normal”, mas, ao contrário, as possibilidades são inúmeras. Contudo e infelizmente, as pessoas que têm comportamento sexual diferenciado sofrem preconceito e acabam sendo tratadas com desrespeito e desprezo.

A discriminação das pessoas em função de suas diferenças é uma realidade. Em vez de respeitar a diferença como um dos valores de maior prestígio para a humanidade, muitas pessoas consideram o modelo que adotam como melhor e superior aos demais. Atribuem características negativas a determinados padrões de diversidade e significados sociais negativos às pessoas e aos grupos que os detêm. Os significados sociais negativos atribuídos a essas características são utilizados para justificar o tratamento desigual. Essas pessoas têm muita dificuldade em conviver democrática e respeitosa com a diversidade e de reconhecer que quem é diferente tem os mesmos direitos e deveres, na vida pessoal e em coletividade. Situações como essas podem ocorrer em relação à orientação sexual, religião, identidade de gênero, raça, cor da pele ou etnia, condição física, estilo de vida ou outra situação.

Cabe, então, chamar a atenção para o conceito de que o respeito à diversidade é, justamente, o que caracteriza a democracia. Quando todas e todos têm acesso ao exercício do poder, o resultado não é uma massa uniforme, mas um mosaico colorido e multifacetado de uma rica contribuição humana. Não é possível e nem



² Adaptado da publicação: Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. CORSA/ECOS, 2008

desejável que, em nome da igualdade, as pessoas se encaixem em padrões apertados e incômodos. A beleza da humanidade está na possibilidade de cada um(a) ser o que é, peculiar em suas diferenças, garantindo direitos iguais.

Se valorizar e vivenciar a diversidade são características intimamente relacionadas à democracia, é preciso, antes de tudo, desvendar uma série de mitos que envolvem a sexualidade e suas manifestações. Um deles, por exemplo, é acreditar que qualquer manifestação sexual é algo puramente instintivo. Na verdade, nosso modo de sentir, pensar e agir sofre grandes influências da cultura na qual estamos inseridos, do grupo social ao qual pertencemos, do território em que vivemos, de nossa época e geração.

O fato de termos nascido com um pênis ou uma vagina não é apenas um dado natural, pois a partir dele se estabelecem modos distintos de criar, cuidar e educar meninos e meninas. Ou seja, cada sociedade e cada cultura *interpretam* uma característica física e lhe dão sentido, mas este varia no decorrer da história. Assim, desde o nascimento, a família, a medicina, a escola e as instituições religiosas, comunicam a cada um dos sexos a maneira *supostamente* certa de se comportar, as aspirações que pode ter, os direitos e as responsabilidades que estão associados ao masculino e ao feminino, como se fossem mundos separados. Por exemplo, quando nasce uma menina ela ganha roupinhas cor-de-rosa e se espera que ela seja recatada, delicada e meiga. Já um menino ganha roupinhas azuis e a expectativa de, no futuro, ser um destemido conquistador. E assim, desde a infância, quem não se enquadra, quem não cumpre o esperado, vivencia o preconceito e a discriminação. Essas pessoas vão crescendo, sendo vistas como problemáticas, desajustadas, perturbadas, doentes, "anormais" ou até mesmo depravadas, simplesmente porque não atendem a certas normas sociais, aceitas como "certas e naturais". Tudo isso acaba por sufocar outras maneiras de viver o desejo e satisfazê-lo sem culpa. Tais regras rígidas estabelecem estereótipos³ de gênero que aprisionam a todas e todos, pois inibem a espontaneidade de cada um(a).

³ Estereótipo é um rótulo ou uma imagem preconcebida sobre determinada pessoa, coisa ou situação. O seu uso dá margem ao preconceito e a discriminação.

Gênero e sexualidade na perspectiva da diversidade sexual

Para entender a diversidade sexual, é preciso, antes de mais nada, aprofundar o conceito de **sexualidade**, já que esta, como qualquer outro aspecto da vida dos seres humanos, não é um fenômeno meramente fisiológico, mas é fortemente marcada pelas relações sociais. Para a compreensão do funcionamento da atividade sexual humana, devemos inseri-la em seu contexto social, histórico e cultural.

A primeira ideia que nos vem à cabeça quando falamos de sexualidade é a de que se trata de algo “natural”, inato. Tendemos a pensar que homens e mulheres, por serem dotados de um corpo sexuado, identificável por meio dos órgãos genitais externos, são regidos única e exclusivamente pelas leis da biologia. Entretanto, ao observarmos as manifestações do comportamento sexual, percebemos que se diferenciam de uma sociedade para outra. Isso evidencia que as culturas encaram e constroem a sexualidade de modos diversos. E, dentro de uma mesma cultura, há profundas alterações ao longo do tempo e dependendo do lugar onde se vive. Para confirmar esse fato, basta olharmos para nossos pais, mães e avós. Boa parte do que foi adotado como padrão na época em que eram adolescentes ou jovens deixou de ser praticado no momento seguinte.

O estudo da sexualidade demonstra que, ao redor dos nossos corpos, estão os modos como percebemos, sentimos, definimos, entendemos e, acima de tudo, praticamos os afetos e o sexo propriamente dito. Isso significa dizer que a sexualidade humana vai muito além dos fatores meramente físicos, pois é transpassada por concepções, valores e regras sociais que determinam, em cada sociedade, em cada grupo social e em cada momento da história aquilo que é tido como certo ou errado, apropriado ou impróprio, digno ou indecente.

Nesse emaranhado de relações sociais – que variam ao longo do tempo e não são necessariamente as mesmas em cada coletividade humana – são produzidos e reproduzidos os padrões e as condutas ligados não apenas à sexualidade, mas também ao lugar que cada um(a) de nós ocupa na sociedade.

Na grande maioria das sociedades, constata-se uma enorme desigualdade na divisão dos atributos entre homens e mulheres. Esse desnível fica evidente na família, na escola, na religião, na política, nas artes e nos espaços públicos em geral.

Fica claro que existem fronteiras – mentais e práticas – que separam as tarefas e as atitudes tidas como apropriadas, válidas e legítimas para o sexo masculino e para o sexo feminino. A desigualdade se expressa numa hierarquia de concepções e atitudes diante das atividades e desejos humanos – que assim são depreciados ou valorizados, recebendo significados positivos ou negativos. Um homem que tem experiências sexuais com várias mulheres costuma ser valorizado socialmente. Já uma mulher que tome a liberdade de se relacionar com diversos homens recebe uma sanção social negativa. Em seu conjunto, o resultado dessas concepções e atitudes é a concentração de mais poder nas mãos de um grupo em detrimento de outro.

Por **gênero**, entendemos a construção histórica, cultural e política das diversas possibilidades de ser feminino(a) e/ou masculino(a). Ultrapassa, portanto, o “ser macho” ou “ser fêmea”, originando diferentes papéis e funções sociais, cuja consequência é a distribuição desigual do poder e das oportunidades, a partir do que é definido social e culturalmente como sendo “coisa de homem” e “coisa de mulher”.

Gênero e sexualidade são dois aspectos – intimamente relacionados – de um processo mais amplo, por meio do qual se realiza o controle social e a manutenção da ordem. Ele ocorre, principalmente, por meio de mecanismos duplos e ambíguos, que são exercidos toda vez que uma pessoa transgride as normas e os padrões socialmente estabelecidos para cada um dos sexos. Por um lado, há o uso da violência – não só física, mas também psíquica; não apenas individual, mas também institucional. Por outro lado, pela indução ao prazer, que faz que aquele que age ou deseje de forma diferente e sinta-se “um estranho no ninho”.

Esse controle é eficaz porque, primordialmente, ele veicula uma visão que mostra os dois sexos como polos opostos e separados, que jamais podem ser confundidos e que estão em contradição. Estar de um lado implica necessariamente não estar do outro. Assim, ser homem define-se antes e acima de tudo como aquele que não é mulher, alguém que nem sequer remotamente possa ser tomado como realizando condutas ou assumindo papéis e funções que são atribuídos ao universo feminino, tido como o contrário do masculino. O mesmo vale para a mulher. A consequência inevitável disso é que, divididos em dois “times”, perdemos a capacidade de perceber e apreciar aquilo que, dentro e fora de nós, é simplesmente humano. E mais do que isso, deixamos de realizar muitas coisas que nos dariam prazer, que nos realizariam como pessoa, simplesmente porque são consideradas do sexo oposto. Ou seja, com o preconceito, todas e todos saem perdendo.

Diversidade Sexual

Para trabalhar de forma mais didática, vamos explicar a diversidade sexual a partir de três eixos fundamentais, mas lembrando sempre que, em nossas vidas, esses fatores interagem de maneira dinâmica. São eles: o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual.

O **sexo biológico** é constituído pelas características fenotípicas (órgãos genitais externos, órgãos reprodutores internos, mamas, barba) e genotípicas (genes masculinos e genes femininos) presentes em nosso corpo. À semelhança das plantas e animais, pela combinação dos cromossomos X e Y, existem somente dois sexos: XY produz um ser chamado de macho e XX, um ser chamado de fêmea. É importante ressaltar, no entanto, que mesmo a natureza não funciona com uma separação rígida, pois há pessoas que nascem com dois órgãos genitais, conhecidos como intersexuais ou hermafroditas.

A **identidade de gênero** refere-se a algo que não é dado e sim construído por cada indivíduo a partir dos elementos fornecidos por sua cultura: o fato de alguém se sentir masculino e/ou feminino. Isso quer dizer que não há um elo imediato e inescapável entre os cromossomos, o órgão genital, o aparelho reprodutor, os hormônios, enfim o corpo

biológico em sua totalidade, e o sentimento que a pessoa possui de ser homem ou mulher. Numa definição sociológica, poderíamos dizer que a identidade é um conjunto de fatores que forma um complexo “jogo do eu”, onde entram em cena a interioridade (como a pessoa se vê e se comporta) e a exterioridade (como ela é vista e tratada pelos demais). Nesse sentido, podemos dizer que ninguém “nasce homem ou mulher”, mas que nos tornamos o que somos ao longo da vida, em razão da constante interação com o meio social. Enfatizamos aqui o termo “e/ou” no tocante às masculinidades e feminilidades: em primeiro lugar porque há pessoas que nasceram com pênis e se sentem femininas, e vice-versa; em segundo lugar, porque se refletirmos melhor, veremos que cada um(a) de nós traz em si os dois elementos. Mas no fundo, o que se considera masculino ou feminino é resultado de convenções sociais.

A **orientação sexual**, aqui entendida como a seta ou direção para onde aponta o desejo erótico de cada pessoa, pode ser **homossexual**, quando se deseja alguém do mesmo sexo, **bissexual**, quando se desejam ambos os sexos, ou **heterossexual**, quando o objeto do desejo é do outro sexo. A orientação sexual é uma atração espontânea e não influenciável que só pode ser conhecida plenamente pelo indivíduo que a vivencia. É, portanto, um equívoco dizer que se trata de uma opção sexual, pois não depende de escolhas conscientes nem pode ser aprendida. A literatura científica costuma afirmar que são múltiplos os aspectos – psicológicos, sociais, culturais e até alguma participação de fatores genéticos – que intervêm na formação da orientação sexual. O mais importante é que a encaremos como uma íntima manifestação da pessoa, e que precisa ser respeitada como um direito inalienável: toda pessoa pode se relacionar com qualquer outra, erótica e afetivamente, livre de qualquer constrangimento, com autonomia para reconhecer e exercer os próprios desejos em liberdade e dignidade. Vale, por fim, lembrar que a orientação sexual nada coincide com a identidade de gênero: alguém pode sentir-se feminina e desejar outra mulher, portar-se de maneira masculina e ter atração por outros homens e assim por diante.



Depoimento

É justo discriminar alguém por amar outra pessoa?

Quando falamos sobre diversidade sexual, logo nos vem à cabeça a questão do preconceito e da discriminação, a ideia de que ser homossexual ou bissexual é errada. Alguma vez você já parou para pensar no que afeta a sua vida o fato de alguém que está ao seu lado beijar uma pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto? Por que será que dois homens ou duas mulheres manifestando afeto chocam tanto? É certo discriminar alguém simplesmente por amar de forma diferente da sua? Afinal, quando se fala de amor, existe o certo e o errado?

Sempre ouço as pessoas perguntarem coisas do tipo "Como você se descobriu?", "Como é ser gay?". Sempre que me indagam isso eu respondo "Como você se descobriu heterossexual?" "Como é ser heterossexual?" Porque penso que o processo de ser homo, bi ou hetero é o mesmo.

A diferença está em como lidamos com isso que a vida nos apresenta.

Em muitos casos, a pessoa, por se ver diferente do "padrão social", pode ter problemas em se relacionar com outras pessoas. Em outra situação essa pessoa pode tentar camuflar sua sexualidade. Para outras pessoas isso pode não ser um grande problema.

Seja qual for a maneira como uma pessoa vive sua sexualidade, um questionamento precisa ser feito: "O que eu tenho a ver com isso?". A questão da diversidade sexual atinge diretamente a todos(as). Muitas pessoas do nosso convívio direto são gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, mas em boa parte das vezes sequer imaginamos isso.

Um(a) colega de classe, um(a) professora, um(a) vizinho(a), um(a) primo(a), um irmão ou irmã, tio ou tia, amigo(a)...

Também precisamos derrubar o mito de que alguém pode "virar" gay ou lésbica por se relacionar com essas pessoas. A orientação sexual está em cada pessoa e não pode ser "passada" a alguém. O que move a escolha do parceiro ou da parceira é o desejo. É como dizer que as pessoas que adoram doces não podem se relacionar com as pessoas que adoram salgados, pois essas podem influenciá-las a só gostarem de salgados também.

Devemos refletir diariamente. Será que somos justos com toda a diversidade que está à nossa volta? Faça de novo todos os questionamentos do início desse texto e pense com calma, pois quando falamos de sociedade igualitária, onde todos nós temos direitos e deveres, não podemos admitir um tipo de violência como essa.

Marcos Paulo, 22 anos, Juventude LGBT – Brasília, DF

Oficina 1 :

A delícia de ser quem somos

Questões a serem respondidas

Objetivos

Identificar a diversidade na vivência das relações sociais e sexuais.

Identificar possíveis situações de preconceito em relação aos(as) adolescentes e jovens.

Materiais necessários

Folhas grandes de papel
 Cartões com os rótulos
 Fita crepe
 Cópia da letra da música "Metamorphose Ambulante", de Raul Seixas
 Canetas de ponta grossa

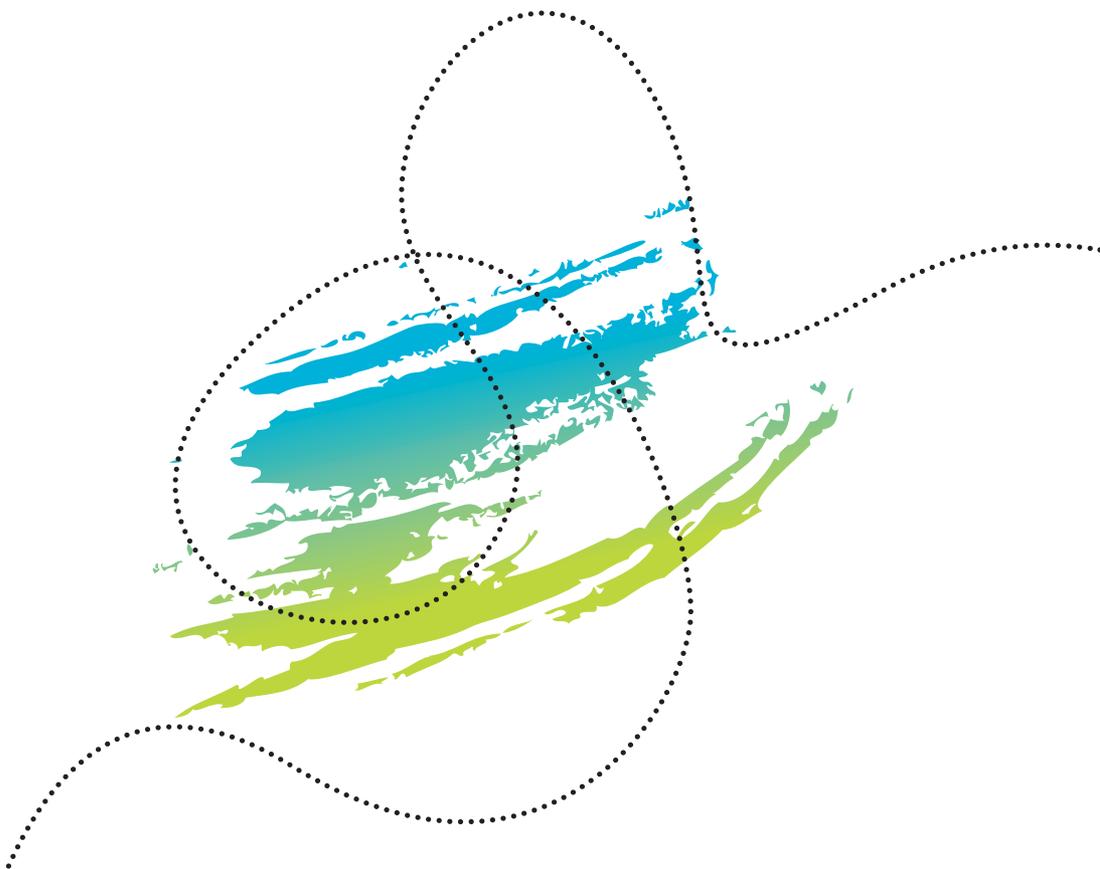
- ▶ Quais as características que **um** adolescente ou jovem precisa ter nos dias de hoje para ser mais valorizado socialmente?
- ▶ Quais as características que **uma** adolescente ou jovem precisa ter nos dias de hoje para ser mais valorizada socialmente?
- ▶ Até que ponto essas expectativas sociais tolgem a liberdade e a felicidade da pessoa?
- ▶ Por que as pessoas negras costumam ser mais discriminadas que as brancas?
- ▶ O que acontece quando um(a) adolescente com deficiência (com Síndrome de Down, surdo, mudo, cego, deficiente físico) frequenta uma escola comum?
- ▶ O que aconteceria no seu grupo de amigos(as) se um(a) deles(as) dissesse que tem o vírus da aids?

Tempo: 2 horas



Integração

- ▶ Distribua tiras de papel e peça para que cada participante escreva duas características suas que acredita serem diferentes das dos outros colegas.
- ▶ Coloque todos os papéis em uma caixa, embaralhe e redistribua para todas e todos.
- ▶ Peça para que cada participante leia a tira que recebeu e escreva as palavras no quadro.
- ▶ Em conjunto com o grupo, analise as contribuições a partir do número de vezes que cada uma delas apareceu; as que têm relação com o corpo; as que dizem respeito à inteligência e à personalidade; as que têm relação com o lazer ou com o estudo etc.
- ▶ Pergunte quem gostaria de falar se, nessa lista, falta alguma característica a qual gostaria de desenvolver e o porquê.
- ▶ Encerre a integração, distribuindo a letra da canção *Metamorfose Ambulante*, de Raul Seixas, explicando que a letra trata, justamente, das diferenças e das diversidades. Se possível, ponha a música para tocar e convide a todos(as) para cantá-la e refletir sobre o que o autor quis dizer.



Metamorfose Ambulante

Eu prefiro ser
 Essa metamorfose ambulante
 Eu prefiro ser
 Essa metamorfose ambulante
 Do que ter aquela velha opinião formada
 sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião formada
 sobre tudo
 Eu quero dizer
 Agora o oposto do que eu disse antes
 Eu prefiro ser
 Essa metamorfose ambulante
 Do que ter aquela velha opinião formada
 sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião formada
 sobre tudo
 Sobre o que é o amor
 Sobre o que eu nem sei quem sou
 Se hoje eu sou estrela
 Amanhã já se apagou
 Se hoje eu te odeio
 Amanhã lhe tenho amor
 Lhe tenho amor
 Lhe tenho horror
 Lhe faço amor
 Eu sou um ator

É chato chegar
 A um objetivo num instante
 Eu quero viver
 Nessa metamorfose ambulante
 Do que ter aquela velha opinião formada
 sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião formada
 sobre tudo
 Sobre o que é o amor
 Sobre o que eu nem sei quem sou
 Se hoje eu sou estrela
 Amanhã já se apagou
 Se hoje eu te odeio
 Amanhã lhe tenho amor
 Lhe tenho amor
 Lhe tenho horror
 Lhe faço amor
 Eu sou um ator
 Eu vou desdizer
 Aquilo tudo que eu lhe disse antes
 Eu prefiro ser
 Essa metamorfose ambulante
 Do que ter aquela velha opinião formada
 sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião formada
 sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião formada
 sobre tudo

Atividade

- Peça ao grupo que faça uma roda e coloque um rótulo nas costas de cada participante. Informe que as pessoas poderão ver os rótulos das outras, mas que, para a atividade dar certo, não poderão saber o que está escrito no próprio rótulo.

sou muito legal	sou uma travesti	sou uma adolescente virgem	sou um adolescente virgem	tenho muita experiência sexual	sou bonito
sou chato	sou gorda	meu corpo é perfeito	meu cabelo é crespo	sou garoto de programa	sou gay, mas ninguém sabe
sou gordo	meu corpo é malhado	sou homem mas gosto de me vestir de mulher para transar	sou mulher, vivo com HIV e quero ter um(a) filho(a)	sou homem e estou apaixonado por um amigo	sou mulher e estou apaixonada por uma amiga
moro na rua	moro no melhor bairro da cidade	sou garota de programa	quero ter a primeira transa depois de casado	quero ter a primeira transa depois de casada	tenho síndrome de Down
sou bonita	sou feio	sou feia	sou negra	sou negro	sou lésbica mas ninguém sabe
sou índio	Sou índia	sou um jovem com deficiência física	sou uma adolescente com deficiência física	sou muito inteligente	sou jovem, vivo com HIV e quero iniciar minha vida sexual

- ▶ Depois de colar os rótulos, peça às pessoas que andem pela sala, que leiam (mentalmente) o que está escrito nas costas dos(as) outros(as), e que demonstrem somente por meio de atitudes e gestos como a sociedade se relaciona com uma pessoa que tem essas características.
- ▶ Cinco minutos depois, informe que, agora, as pessoas poderão conversar reagindo aos rótulos que estão nas costas de cada um (a). Dê 5 minutos para essa conversa.
- ▶ Solicite que parem onde estiverem e que: quem se sentiu **bem tratado** fique à esquerda da sala; quem se sentiu **maltratado** fique à direita e, ainda, quem se sentiu **ignorado** fique no meio. Uma vez divididos, peça que cada um(a) leia o seu rótulo e descubra quem era.
- ▶ Peça para se sentarem e explore, em plenária, as sensações que cada um(a) sentiu ao "entrar na pele" daquele(a) personagem.
- ▶ Apresente os conceitos de discriminação e preconceito. De acordo com o Dicionário Houaiss:

Preconceito

Ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado sem maior conhecimento, ponderação ou razão; intolerância.

Discriminação:

Tratamento pior ou injusto dado a alguém por causa de características pessoais, preconceito, intolerância. Ato ou atitude que quebra o princípio de igualdade, como distinção, exclusão, restrição ou preferência, motivado por raça, cor, sexo, idade, credo religioso, convicções políticas entre outras.

- ▶ Esclareça que, embora muitas vezes essas duas palavras sejam usadas como sinônimo, o preconceito está mais no campo da opinião e a discriminação implica atos concretos, isto é, a ação ou o comportamento.
- ▶ Pergunte aos (às) participantes quais foram as situações que costumam gerar maior preconceito nos ambientes em quem eles(as) vivem e convivem.
- ▶ Em seguida, pergunte quais populações costumam ser mais discriminadas e o porquê da existência desse tipo de atitude.
- ▶ Explique que, agora, a ideia é se pensar nos tipos de preconceito/discriminação que existem em algumas instituições ou em determinadas relações.

- ▶ Peça que formem 5 grupos, e distribua as instituições/relações:
 - Grupo 1: família
 - Grupo 2: escola
 - Grupo 3: serviço de saúde
 - Grupo 4: grupo de amigos(as)
 - Grupo 5: mídia
- ▶ Solicite que, uma vez identificados os tipos de preconceito/discriminação em cada um desses lugares, eles(as) escrevam, em uma folha grande, uma lista de alternativas que possam, minimamente, diminuir esses preconceitos e discriminações detectados.
- ▶ Ao final, cada grupo lê a sua lista e os demais poderão completar com novas sugestões.
- ▶ Encerre a atividade, aprofundando a discussão a partir das questões a serem respondidas.

Conclusões

- ▶ **Sexismo** é o tratamento indigno e desigual que se dá a um determinado sexo, levando-se a crer que um sexo vale mais que o outro. Em geral, o termo refere-se à discriminação sofrida pelas mulheres pelo simples fato de não serem portadoras do mesmo sexo biológico que os homens.
- ▶ **Homofobia** é um termo utilizado para identificar o ódio, aversão, a discriminação e sobretudo a **violência** em relação aos homossexuais. Em sentido amplo, engloba gays, lésbicas, travestis e transexuais. Mas também se utilizam as palavras **lesbofobia** em relação às mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres, e **transfobia**, para se referir a discriminação em relação aos(às) transexuais e travestis.
- ▶ O **racismo** é uma ideologia que justifica a organização desigual da sociedade, ao afirmar que grupos raciais ou étnicos são inferiores ou superiores, em vez de considerá-los simplesmente diferentes. Ele opera pela atribuição de sentidos pejorativos a características peculiares a determinados padrões da diversidade humana e significados sociais negativos aos grupos que os detêm. Não se trata de uma opinião pessoal porque as ideias preconceituosas e as atitudes racistas e discriminatórias são mantidas por gerações e, em cada tempo e lugar, elas se manifestam de um modo, por meio de piadas, da apresentação de personagens negros e índios nos filmes, novelas, desenhos, propagandas etc.
- ▶ O sexismo, a homofobia/lesbofobia/transfobia e o racismo são fenômenos sociais que representam problemas reais que produzem e alimentam preconceitos, discriminações, violências e violações de direitos humanos. Geram, nas pessoas que são alvos desses mecanismos, mal-estar, insegurança, angústia, isolamento e sofrimento. Esses sentimentos podem interferir em suas relações sociais; prejudicar seu rendimento escolar, levando-as até a sair da escola; impedir seu acesso a oportunidades de emprego ou promoção no ambiente de trabalho; aumentar sua vulnerabilidade às DST/HIV/aids e ao uso de drogas, e influenciar em sua qualidade de vida e de saúde.

Finalização da oficina

- ▶ Peça para todas e todos se levantarem, darem as mãos formando uma roda e fecharem os olhos; coloque uma música suave e cada um(a) vai imaginar como seria o mundo se não houvesse discriminação.
- ▶ No final, pergunte quem gostaria de contar o que imaginou.
- ▶ É importante lembrar que somos todos(as) diferentes um(a) do outro(a). Contudo, essas diferenças não podem ser transformadas em desigualdades!

Destaque

Por que falamos em diferenças, diversidades e multiplicidade? A Diferença está ligada às características pessoais que nos distinguem e nos agrupam. Como? Um exemplo: diferença entre adolescentes homossexuais e adolescentes heterossexuais. Por onde passam?

Porém, podemos dizer que Pedro, um adolescente de 16 anos, vive sua homossexualidade de uma forma diferente da que outros adolescentes que também são gays. Estamos dizendo que há uma diversidade infinita na maneira de ser homossexual e não uma única.

E Pedro não é só um adolescente gay. Com ele acontecem muitas outras coisas além de ser homossexual. E tudo ao mesmo tempo. Ele é homem, ele é vaidoso, sai para baladas, curte tecnologias, tem um amigo e várias amigas, é líder de sua turma na escola, tem momentos de tristeza quando se sente sozinho, está tendo o seu primeiro caso com outro homem. Tudo isso acontece simultaneamente na vida de Pedro. A isso chamamos de multiplicidade, pois vai determinar formas diferentes de viver sua homossexualidade (o mesmo vale, é claro, para um garoto heterossexual).

Agora, o termo desigualdade quer dizer que há valores diferenciados que são atribuídos às pessoas, como se umas fossem mais importantes ou melhores que outras. Estabelece-se hierarquia entre as pessoas quando as vantagens e os privilégios de umas impõem restrições às outras. Tudo isso é reflexo das relações desiguais de poder, que podem aparecer em qualquer relação e que geram injustiça.

Está na Lei!

Todo mundo que tem menos de 18 anos é protegido por uma lei, criada em 1990, chamada **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. E quem tem HIV é protegido(a), também, pela Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da Aids. Em resumo, essa Declaração diz o seguinte:

1. Todos e todas têm direito à informação clara e exata sobre a aids e sobre sua condição de saúde.
2. Todos e todas têm direito à assistência e ao tratamento.
3. Ninguém pode ser isolado ou discriminado.
4. Todos e todas têm direito à participação plena na vida social. Será punido quem recusar ao portador do HIV um emprego, um alojamento, uma assistência ou quem quiser impedir a participação dele ou dela nas atividades coletivas, escolares e militares.
5. Todos e todas têm direito de receber sangue e hemoderivados, órgãos ou tecidos que tenham sido rigorosamente testados para o HIV.
6. Ninguém será obrigado a fazer testes de HIV/aids, sob nenhuma hipótese.
7. Todo portador do vírus tem direito a comunicar apenas às pessoas que deseje seu estado de saúde e o resultado dos seus testes.
8. Todos e todas têm direito à vida civil, profissional, sexual e afetiva. Nenhuma ação poderá restringir o pleno exercício de seus direitos à cidadania.

DICA

No fascículo sobre **Sexualidade e Saúde Reprodutiva**, há algumas oficinas que tratam dos temas sexualidade, amizade e namoro. Um assunto que interessa a todo mundo. Dê uma olhada lá.

Oficina 2:

É ou não é?

Objetivos	Materiais necessários	Questões a serem respondidas
<p>Debater preconceitos associados à questão da orientação sexual de modo a problematizá-los.</p>	<p>Cópia para todos do poema <i>Minhas mãos</i></p> <p>Papel sulfite ou cartolina</p> <p>Canetas de ponta grossa</p> <p>Aparelho de som e CDs</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Por que se diz que os(as) heterossexuais são normais e as demais orientações e manifestações da sexualidade são desvios de caráter ou pouca vergonha? O que você acha disso? ▶ Quem define a "normalidade"? Baseado em que critérios?

Tempo: 2 horas

Integração

- ▶ Distribua o poema *Minhas mãos*, de Elisabete Navet, a todos(as) os(as) participantes.
- ▶ Peça que alguém leia e que as demais pessoas acompanhem a leitura.
- ▶ Informe que essa poesia fala sobre o amor entre duas mulheres e pergunte o que isso muda na maneira como interpretam os versos.

Minhas mãos

[...]

Ah! Minha amada!...

Estas mãos sempre te pertenceram

De forma absoluta e plena,

Como se fosse o amor incondicional

De duas fêmeas que se desejam!

- ▶ Encerre contando que, no Brasil, existem várias organizações de mulheres lésbicas e que, muitas vezes, têm uma proximidade muito grande com o movimento feminista na luta pela igualdade de gênero e pelo fim da violência contra as mulheres.

Atividade

- ▶ Pegue três folhas de papel sulfite ou cartolina. Na primeira folha, escreva a palavra "CONCORDO"; na segunda, "DISCORDO"; e na terceira, a expressão "TENHO DÚVIDAS".
- ▶ Afixe as três folhas nas paredes, bem separadas.
- ▶ Peça que os(as) participantes se levantem e diga-lhes que você vai ler uma afirmação relacionada à questão da diversidade sexual.
- ▶ Explique que depois de ler a afirmação, eles(as) deverão se dirigir a um dos lugares da sala em que estão afixados os cartazes, ou seja, quem concordar deve se locomover até o cartaz escrito CONCORDO e assim por diante. Afirmações:
 1. *Uma pessoa pode escolher se quer ser homossexual, bissexual ou heterossexual.*
 2. *A maior parte das mulheres que se tornam lésbicas é porque foram abusadas por um homem na infância.*
 3. *Um menino que foi criado por um pai homossexual tem mais chance de se tornar gay ou travesti.*
 4. *Um gay que queira se curar de sua homossexualidade deve procurar um psicólogo ou um líder religioso.*
 5. *Travesti é o homem que se traveste de mulher apenas para ganhar dinheiro, se prostituindo.*
 6. *Transexual é aquela pessoa que nasceu com um determinado sexo, mas que pertence ao outro.*

- ▶ Quando todos(as) estiverem posicionados junto ao cartaz ao qual se dirigiram, peçam-lhes que justifiquem sua posição. Estimule os três grupos a falar o porquê de ter escolhido aquela posição.
- ▶ Após a breve discussão, leia uma nova afirmação e repita o procedimento até terminar as frases.
- ▶ Para encerrar, peça que voltem a seus lugares e aprofunde a discussão a partir das questões a serem respondidas.

Conclusões⁴

- ▶ Existem três tipos de orientação sexual: a hetero, a homo e a bissexual. Uma pessoa heterossexual sente desejo por pessoas de outro sexo. A homossexual (lésbicas e gays) inclina-se por pessoa(s) do mesmo sexo. Os e as bissexuais sentem atração por pessoas tanto do sexo feminino quanto do masculino.
- ▶ Um(a) homossexual *não opta* por ser assim, assim como o heterossexual não escolhe sua preferência. É uma característica espontânea, resultante de um conjunto de fatores. Sendo assim, não há como um(a) homossexual fazer com que outra pessoa tenha a mesma orientação sexual que ele(a). Só o próprio indivíduo conhece de fato os seus desejos, tendo a opção de vivenciá-los ou negá-los.
- ▶ Transexuais e travestis são pessoas cuja expressão de gênero (masculino **e/ou** feminino) vai muito além do comportamento que se espera delas socialmente em função do sexo biológico. Elas constroem seu corpo a partir de sua identidade de gênero, isto é, a forma como se sentem e se portam como homens ou mulheres.
- ▶ Travestis são pessoas cuja identidade de gênero não se enquadra em nenhuma referência preestabelecida: masculino ou feminino. A travesti rompe com essa norma por constituir uma identidade que está para além dos gêneros e para além de ser homem ou de ser mulher. A travesti é travesti.
- ▶ Transexuais são pessoas cuja identidade de gênero é oposta ao sexo biológico (de nascimento), com desejo de viver e de serem reconhecidas por essa identidade. Elas podem, também, demonstrar sentimento de inadaptação às características sexuais de seu corpo, inclusive os órgãos genitais, podendo buscar meios de adaptá-los a essa identidade constituída e vivida.
- ▶ *Drag queens* ou *drag kings* são pessoas que constroem um(a) personagem do sexo oposto, a partir de uma performance corporal e artística, utilizando roupas e adereços para uma releitura estilizada e humorada dos estereótipos de gênero. Ao fazer isso, podem estar no fundo questionando as hierarquias e desigualdades. Não necessariamente essas pessoas são homossexuais.
- ▶ *Crossdressers* são homens que, independentemente de sua orientação sexual,

⁴ Adaptado das publicações: Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. CORSA/ECOS, 2008; texto Identidade de Gênero, de Marcos Paulo da Juventude LGBT, Brasília, DF

constroem um personagem feminino, interpretado mais no âmbito doméstico que no público. Diferenciam-se das *drag queens* ou *drag kings* porque seus personagens buscam, muito mais, uma ilusão de ótica do gênero feminino do que sua releitura estilizada e humorada.

- ▶ Vale reforçar que sentir atração afetivo-sexual ou desejar uma pessoa do mesmo sexo e superar os limites das normas de gênero não é um erro da natureza: trata-se de diversas formas da construção da identidade, da expressão da sexualidade e da capacidade de amar que todo ser humano possui.
- ▶ A orientação sexual (hetero, homo e bissexual), seja ela feminina ou masculina, e a identidade de gênero, não são doenças nem perturbações mentais. Portanto, é descabida a ideia de que é possível “curar” essas manifestações de identidade e sexualidade. Fazer isso seria uma enorme violência contra aquilo que cada um(a) tem de mais íntimo e profundo.

Finalização da oficina

- ▶ Peça para que todos(as) os(as) participantes fiquem de pé e andem pela sala (descalços) ao som da música e que sigam as seguintes instruções:
 - 1 - andar na ponta dos pés
 - 2 - andar apoiando o corpo no calcanhar
 - 3 - andar na chuva
 - 4 - andar em uma superfície quente
 - 5 - andar passando por uma porta estreita
 - 6 - andar em câmera lenta
 - 7 - andar de marcha a ré
 - 8 - dar um abraço coletivo
- ▶ Peça para que todos(as) digam, em uma palavra, o que acharam do encontro. Registre-as no quadro.

.....

Depoimento

Luiz Perez Lentini

O impacto ao perceber minha orientação sexual foi perturbador: sou lésbica. Porém, com o tempo e as experiências, que nem sempre foram as melhores, passei a me entender e a me aceitar com tranquilidade. Estive em situações de muito preconceito e discriminação, como certa vez em que fui fazer entrevista de emprego e me fizeram algumas perguntas pessoais, até eu falar sobre o fato de eu ser lésbica. Havia tido um ótimo desempenho até então, mas, depois desta resposta, todo o processo pareceu não valer nada. Ainda hoje acho que não fui contratada para o serviço por conta dela. Cada pancada como essa me deixava pensando sobre valores sociais, respeito, perspectivas de vida... Como disse Sartre: "O homem, está condenado a ser livre". Então pensava sobre esta frase e seguia. Mal podia esperar pela próxima grande notícia da minha vida: me tornei HIV+. E isso foi uma facada. Por mais que tivesse tido algumas palestras na escola, não imaginava que a aids poderia fazer parte do meu cotidiano. De que forma a informação vem sendo passada a nós jovens? E até que ponto cada um de nós absorve estas informações a contento? Até que ponto ainda podemos nos considerar "os invulneráveis"? Acredito que me considerava. Eu, que já não me assumia em salas de aula, a não ser para algumas pessoas, o fato de ser lésbica, tinha mais o HIV para ocultar. Medo do preconceito, da discriminação, da rejeição, do desrespeito alheio, autopreservação, todos estes foram motivos para manter-me em silêncio. Foi mais difícil ainda, como lésbica



vivendo com HIV, tirar dúvidas sobre relacionamentos e saúde sexual, porque parece que ninguém está preparado. No serviço de saúde, público ou privado, custava a perguntar sobre o que gostaria de saber, porque não me sentia à vontade. E, mesmo assim, recebi poucas respostas a respeito. Procurei muita informação sobre saúde sexual das mulheres homossexuais com ativistas do movimento aids, cartilhas informativas de ONGs, com pessoas do Grupo VHIVER, instituição onde fui acolhida. E para viver melhor sendo lésbica e HIV+, descobri que muito diálogo com minhas parceiras é grande aliado. Conte pouco com o quem tinha ouvido na escola. Escasso apoio dos profissionais de saúde com quem tive contato. Mais auxílio veio de pessoas que tinham HIV, como eu, e de outras mulheres que gostam de mulheres. Ser lésbica vivendo com HIV é complexo aos olhos de alguns. Parece que não existimos...

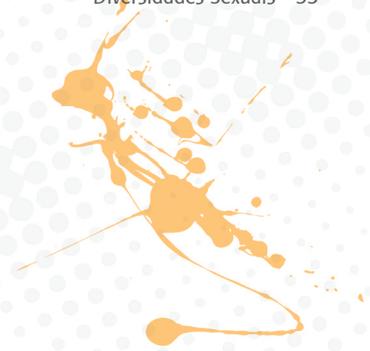
Camila Gonçalves Pinho
Integrante da Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo
com HIV/Aids (RNAJVHA)
Movimento Nacional de Cidadãs Posithivas (MNCP)
Grupo VHIVER – Belo Horizonte, MG

DICA

Acesse o site da ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais em <http://www.abglt.org.br/> e fique sabendo quais são e onde estão os grupos organizados que existem em funcionamento em todo o Brasil, realizando atividades de apoio e ajuda mútua, prestando orientação jurídica e psicológica e atuando na luta contra a discriminação e pelo reconhecimento social e político das pessoas LGBT.

Oficina 3⁵:

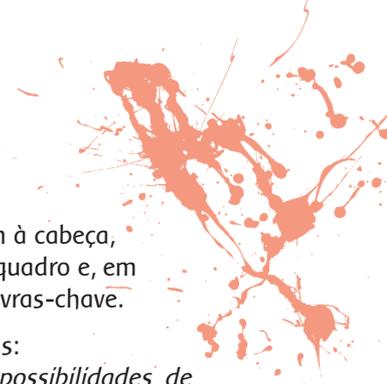
Situações desafiadoras⁵



Objetivos	Materiais necessários	Questões a serem respondidas
<p>Reconhecer a existência das diferentes formas de orientação sexual afetiva. Reconhecer as distintas manifestações de gênero e da sexualidade heterossexual, homossexual, bissexual, travesti e transexual) como um direito inalienável.</p>	<p>Tiras com as situações</p> <p>Cartões com as letras da frase: JOVENS UNIDOS ENFRENTANDO O PRECONCEITO</p> <p>Uma bola bem grande ou o desenho de uma bola</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Que tipo de preconceito existe em relação a quem gosta de pessoas do mesmo sexo? Por quê? ▶ Se um(a) amigo(a) contasse a você que sente atração pelo mesmo sexo, o que você faria? ▶ Que tipo de preconceito e discriminação um gay costuma enfrentar em sua vida? E uma lésbica? E uma pessoa bissexual? ▶ Que tipo de preconceito e discriminação travestis costumam enfrentar? ▶ Que tipo de preconceito e discriminação transexuais costumam enfrentar? ▶ O que os(as) heterossexuais têm com isso? Será que o preconceito também os(as) afeta? Como?

Tempo: 2 horas

⁵ Adaptado da publicação: Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. CORSA/ECOS, 2008.



Integração

- ▶ A partir da discussão, pergunte aos e às participantes o que lhes vem à cabeça, quando escutam o termo DIVERSIDADE SEXUAL. Escreva o termo no quadro e, em volta dele, a opinião dos(as) adolescentes e jovens em forma de palavras-chave.
- ▶ Apresente o conceito e explore a partir das palavras que foram ditas:
Diversidade sexual refere-se ao reconhecimento das diferentes possibilidades de expressão de gênero e da sexualidade ao longo da existência dos seres humanos. [...] A aceitação da diversidade sexual varia de acordo com os costumes de determinada época e com o tipo de sociedade.
- ▶ Encerre contando aos/às participantes algumas curiosidades históricas⁶ sobre diversidade sexual:
Na Grécia antiga, onde a homossexualidade era prática comum, não havia um termo específico para designá-la. O filósofo Sócrates (469-399 a.C) acreditava que o amor e o sexo entre dois homens inspiravam a criatividade e o conhecimento. Achava que o sexo heterossexual servia apenas para produzir crianças. Nessa época, também, o exército encorajava o alistamento de casais homossexuais, pois acreditavam que, juntos, eles seriam melhores soldados e que lutariam até a morte.
A mais famosa lésbica da história foi Safo (610-580 a.C.). Ela viveu na ilha de Lesbos, daí a palavra. Casada, inicialmente com um homem rico, foi trabalhar em uma escola de meninas quando enviuvou. Apaixonou-se por uma de suas alunas, Átis, que foi tirada da escola pelos pais pela fofoca que rolou por toda a ilha.

Atividade

- ▶ Peça que os(as) estudantes se dividam em três grupos e informe que vão receber três situações (ver folha de apoio) que poderiam ter ocorrido em qualquer escola. Elas e eles deverão ler a situação descrita e discutir o que poderiam fazer caso aquele episódio acontecesse no lugar onde estudam.
- ▶ Informe que eles terão de 20 a 30 minutos para discutir e 5 para apresentar suas conclusões.
- ▶ Sugira que escolham um(a) relator(a) para tomar notas e apresentar a síntese da discussão ao restante da turma.
- ▶ Quando terminarem as apresentações, aprofunde a discussão a partir das questões a serem respondidas.

⁶ Adaptadas de: O guia dos curiosos: Sexo, de Marcelo Duarte e Jairo Bouer.

Conclusões

- ▶ Existem muitas e variadas formas de ser homem ou ser mulher. Existem, também, diferentes formas de viver, de expressar a sexualidade, de amar, de desejar.
- ▶ Os papéis relacionados aos homens e às mulheres são culturalmente definidos, ou seja, uma pessoa nasce macho ou fêmea, mas a maneira de ser homem ou de ser mulher é aprendida de acordo com o que é considerado “desejável” por uma determinada sociedade. Em nossa sociedade, por exemplo, espera-se que os homens sejam viris, machos, heterossexuais, determinados, fortes. Por outro lado, espera-se que as mulheres sejam maternais, delicadas, femininas, dóceis. Isso cria uma camisa de força, por isso deve ser questionado, pois, de alguma forma, tolhe a liberdade e a felicidade de todas as pessoas.
- ▶ Sentir atração afetivo-sexual ou desejar uma pessoa do mesmo sexo não é um erro da natureza, é apenas mais uma forma de expressão da sexualidade e da capacidade de amar do ser humano. A homossexualidade (feminina e masculina), a bissexualidade de ambos os sexos, a transexualidade e a travestilidade não são desvios morais, perturbações mentais nem sem-vergonhice. Portanto, não cabe a ideia de que é possível “curar” essas manifestações de sexualidade.
- ▶ A homossexualidade é a orientação sexual e afetiva em direção a pessoas do mesmo sexo. Lésbicas, gays e bissexuais *não optam* por ser como são, da mesma forma que um(a) heterossexual não escolhe sua condição afetivo-sexual. É uma característica espontânea, resultado de um conjunto de fatores. Sendo assim, não há como um(a) homossexual fazer com que outra pessoa tenha a mesma orientação sexual que ele(a). Só o próprio indivíduo conhece de fato os seus desejos, tendo a opção de vivenciá-los ou negá-los.
- ▶ A atração sexual e afetiva pelo mesmo sexo é algo tão antigo quanto a humanidade e não existe nenhuma razão que justifique atitudes desrespeitosas e de discriminação em relação a pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo. Em vez de julgar, é necessário aprender a conviver com as diversidades.
- ▶ Tudo o que foge aos padrões estabelecidos de masculinidade e de feminilidade é, muitas vezes, visto com estranhamento. É desse estranhamento que surgem os preconceitos e, conseqüentemente, a discriminação. O que precisa ser combatido é a discriminação e não o afeto e amor!

Finalização da oficina

- ▶ Entregar um cartão com uma letra a cada participante.

- ▶ Coloque, no centro da sala, uma bola ou um desenho de uma bola e diga que ela representa o mundo em que vivemos.
- ▶ Explique que todos(as), ou algumas, receberam uma letra e que com elas é possível formar palavras.
- ▶ Quando as palavras estiverem formadas, peça que façam uma frase com elas. A frase é: JOVENS UNIDOS ENFRENTANDO O PRECONCEITO.
- ▶ Peça que coloquem a frase no mundo e pergunte quem concorda com o que está escrito e quem discorda.

Folha de apoio ⁷

Situação 1

Carlos é um cara muito tímido que detesta esportes e matemática. Ele tem um monte de amigas e quase nenhum amigo. Tem uns caras lá da escola que ficam gozando da cara dele e insinuando que ele é gay. Quando isso acontece, ou ele fica quieto ou parte para a agressão. Ultimamente, ele tem faltado muito às aulas e suas notas pioraram. Fora que, quando tem trabalho em equipe para fazer, ele diz que prefere fazer sozinho. Rola um boato que ele vai deixar de estudar porque não está mais suportando viver daquele jeito.

O que nós podemos fazer para que ele continue na escola e que parem com essa discriminação?

Situação 2

Catarina tem faltado às aulas sistematicamente. Estranhei o fato porque, embora não seja uma aluna muito aplicada, sempre gostou da escola. Conversei com uma amiga dela e descobri que Catarina não tem vindo ao colégio porque está com medo. Ela tem recebido bilhetes com palavras ofensivas e ameaça de surras. Catarina é lésbica. Um grupo de meninas achou que ela as estava observando no banheiro, depois de uma aula de educação física. Os bilhetes são anônimos, mas Catarina suspeita que venham desse grupo de garotas. Num outro dia, ao entrar em sala, ouvi que ela estava sendo xingada de “sapatão” pelas colegas.

O que nós podemos fazer para parar essa situação de amedrontamento que ela está vivendo?

⁷ Situações inspiradas na publicação: Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. CORSA/ECOS, 2008

Situação 3

Sou professora de português e, de vez em quando, abro um espaço na aula para que alunos e alunas falem sobre os assuntos que têm mais interesse. Claro que sexualidade sempre aparece e surge um milhão de perguntas querendo resposta.

Outro dia, propus aos e às estudantes fazer um trabalho sobre a homossexualidade na literatura. A classe veio abaixo! Um grupo, a maioria rapazes, negou-se a fazer o trabalho argumentando que homossexualidade é “coisa de gente safada” e que a proposta não estava no currículo pedagógico da disciplina. Na outra aula, para me deixar ainda mais abalada, trouxeram alguns recortes de jornais com notícias de assassinatos de homossexuais, argumentando que esse deveria ser mesmo “o fim de todo *viado* e de toda *sapatão*”.

O que eu faço para reverter essa situação?

DICA 1

No fascículo sobre *Sexualidades e Saúde Reprodutiva*, no texto introdutório, você vai achar outras informações sobre os Direitos Sexuais e os Direitos Reprodutivos. Um deles diz que todas as pessoas *têm o direito de escolher o(a) parceiro(a) sexual sem discriminações e com liberdade e autonomia para expressar sua orientação sexual se assim desejar.*

Oficina 4:

Qualquer maneira de amor vale a pena



Objetivos	Materiais necessários	Questões a serem respondidas
<p>Incentivar os(as) participantes a perceber que a afetividade entre pares homossexuais é natural e deve ser respeitada.</p>	<p>Texto <i>No país de Blowmink</i> para todos(as)</p> <p>Cartolinas ou folhas grandes</p> <p>Canetas de ponta grossa</p>	<ul style="list-style-type: none">▶ Quais são as formas de desrespeito que adolescentes e jovens homossexuais e bissexuais enfrentam?▶ Por que é difícil para muitas pessoas aceitar o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do mesmo sexo?▶ Que tipo de discriminação ou de situação de violência vocês já viram ou ouviram contra gays, lésbicas ou bissexuais?▶ O que você pensa sobre isso?

Tempo: 2 horas

Integração

- ▶ Distribua o texto *No país de Blowmínsk* para todos(as). Explique que esse texto é de autoria de Cláudio Picazio e está publicado em um livro chamado *Sexo Secreto*: temas polêmicos da sexualidade (Summus Editora, 1998).
- ▶ Leia o texto e peça para que prestem atenção na história desse país.

No país de Blowmínsk

Blowmínsk é um país onde se proíbe o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do sexo oposto. O homem não pode sentir desejo, atração ou tesão nem amar romanticamente uma mulher. E a mulher também não pode sentir desejos afetivo-sexuais por um homem.

Isso só pode ocorrer entre pessoas do mesmo sexo. Os bebês são gerados em provetas e inseminados artificialmente, dando opções maiores aos pais sobre as características que poderão desenvolver. Existem pessoas que tentam quebrar as regras de Blowmínsk, relacionando-se com pessoas do sexo oposto ao seu, mas são excluídas da sociedade e vivem em guetos.

Ivan e Marina moravam em Blowmínsk e frequentavam a mesma escola. Um dia perceberam que algo estranho estava acontecendo entre eles. Tentaram disfarçar, mas foi inevitável que acabassem conversando sobre o desejo que estavam sentindo um pelo outro. Sentiram-se muito angustiados, porque perceberam que eram diferentes das outras pessoas, seus pais não aprovariam e talvez fossem até expulsos da escola.

Marina e Ivan tentaram não deixar que a atração se transformasse em atitude. Mas numa tarde, voltando para casa, não resistiram e, depois de se esconderem atrás de algumas árvores em um parque, beijaram-se apaixonadamente. Eles estavam próximos ao colégio onde estudavam. Os amigos de Ivan, que estavam jogando ali perto, viram a cena e ficaram horrorizados. Xingaram Ivan de "hetero" sujo e deram-lhe alguns pontapés. A direção da escola ficou sabendo e imediatamente os expulsou da instituição, para que não contaminassem os outros alunos.

Os dois pais de Ivan mandaram-no embora de casa, indignados. Marina teve mais sorte. Foi encaminhada para um psicoterapeuta, que explicou à família que os sentimentos de Marina por Ivan não eram doença, nem opção. Esclareceu que ela era normal, igual às outras mulheres, e que a diferença estava em quem ela desejava para amar. [...] Mesmo assim, as duas mães de Marina pediram que ela não se relacionasse mais com alguém do sexo oposto ao seu. Marina, mesmo sabendo que era normal e igual às outras pessoas, sentiu-se indignada por haver sido rejeitada só porque amava diferente, enquanto os amigos que a haviam agredido não tinham sofrido qualquer repressão.

Ivan tentou se relacionar com outros meninos, cumprindo o que era esperado pela sua família e pelas normas e valores de Blowmínsk. Resolveu não viver mais o seu desejo até que pudesse ser independente.

Marina continuou a procurar alguém que sentisse o mesmo que ela e amigos que respeitassem o seu desejo.

- ▶ Quando terminar a leitura, abra para o debate a partir das seguintes questões:
 1. Do que trata esse texto?
 2. O que há em comum entre a sociedade e a cultura blowmínskiana e a nossa?
 3. Quem determina o que é certo e legítimo em uma sociedade?
 4. Quem determina o que é errado e que, portanto, merece punição?
 5. Vocês conhecem alguma situação em que algo que era considerado errado ou anormal passou a ser considerado certo e normal? Como foi esse processo?
- ▶ Encerre explicando que as regras e as normas de uma determinada sociedade são resultantes de processos históricos de construção de valores morais por parte das diferentes culturas e não obras do acaso. Dessa forma, elas podem ser questionadas e transformadas.

Atividade

- ▶ Solicite que os(as) participantes formem um círculo.
- ▶ Explique que o propósito da atividade é discutir e analisar as diferentes formas de expressão de afeto e de tipos de relacionamento. E também formas de convivência coletiva, que pressupõem regras, válidas para um grupo de pessoas e não necessariamente para outro.
- ▶ Esclareça que a atividade procura trazer exemplos reais da vida cotidiana e que devemos encorajar as discussões, promovendo o respeito pela diversidade.
- ▶ Informe ao grupo que você vai iniciar a história e que eles(as) poderão inventar o resto:

O jovem Miguel tem um amigo chamado Raimundo (da mesma idade que ele) por quem se sente atraído. Miguel fica sempre sozinho e nunca o vemos manifestar interesse por uma garota. Apesar de já ter transado, ele nunca se apaixonou de fato. Ele não sabe ao certo o que está acontecendo com ele, mas recentemente descobriu que...
- ▶ Quando achar que a história está encerrada, pergunte:
 - a) *A história montada é realista?*
 - b) *Por que vocês conduziram a história dessa maneira?*
- ▶ Ao término da dinâmica, lance para o grupo as questões a serem respondidas.

Conclusões

- ▶ A homofobia é derivada da heteronormatividade (isto é, a norma que diz que todo mundo deve ser heterossexual) e é um termo que tem sido empregado para descrever a repulsa a indivíduos homossexuais e o medo que se sente deles. Repousa num conjunto de crenças que pressupõe que a heterossexualidade é a única forma de sexualidade “natural”, “normal” e “aceitável”. Dizemos que um ato ou postura é homofóbica quando se manifesta em ações hostis e discriminatórias, não raro marcadas por atitudes violentas, baseadas unicamente na rejeição à orientação sexual do outro.
- ▶ Explique que, mesmo quando não chega a ocorrer violência física, muitos indivíduos com orientação sexual homo ou bissexual são ridicularizados, objetos de escárnio ou discriminação. Aliás, isso pode acontecer até mesmo com uma pessoa heterossexual simplesmente porque se *suspeita* que ela não seja heterossexual. E que isso é inaceitável porque fere os direitos das pessoas. Independentemente de sua orientação sexual e de sua identidade de gênero, isso é, independentemente de alguém se portar de forma mais ou menos masculina ou feminina, de amar este ou aquele sexo, **TODA PESSOA DEVE SER TRATADA COM RESPEITO E DIGNIDADE.**

Finalização da oficina

- ▶ Peça que deem as mãos, fechem os olhos e que pensem sobre como estão se sentindo ao final desse encontro.
- ▶ Depois de cerca de um minuto, peça que abram os olhos e digam o que pensaram para as(os) colegas.
- ▶ Registre os sentimentos no quadro em forma de palavras-chave; leia-as e encerre, enfatizando que o mundo seria muito melhor se todas as pessoas fossem tratadas com respeito e dignidade.



Oficina 5:

Diversidades e violências



Objetivos	Materiais necessários	Questões a serem respondidas
<p>Discutir as diversas formas de violência e agressão do cotidiano na escola e no espaço público, especialmente em relação a adolescentes e jovens LGBT.</p>	<p>Folhas de papel sulfite Canetas Fita crepe Quadro-negro e giz</p>	<ul style="list-style-type: none">▶ Como nos sentimos quando somos vítimas de ações agressivas? E quando somos os agressores?▶ De que maneira percebemos que cometemos uma agressão?▶ Como se pode interromper uma onda de agressões?▶ Como podemos ajudar alguém que está ou que já passou por um tipo de agressão, como a ameaça de uma surra?▶ Você já presenciou alguma cena de agressão ou de xingamento contra jovens LGBT? O que aconteceu? Que atitudes você tomou?▶ O que podemos fazer coletivamente na escola em que estudamos para evitar agressões e xingamentos contra LGBTs?

Tempo: 2 horas

Integração

- ▶ Coloque na parede folhas grandes e peça para que os(as) participantes da oficina deem continuidade às frases seguintes:
 - Os gays são...
 - As lésbicas são...
 - Os bissexuais são...
 - As/os travestis são...
 - As/os transexuais são...
 - Se eu tivesse um(a) amigo(a) travesti, eu...
 - Se eu tivesse uma amiga transexual eu...
 - Se eu tivesse um irmão bissexual, eu...
 - Se eu tivesse uma irmã bissexual, eu...
- ▶ Coloque uma música e peça para que todos e todas escrevam em todas as folhas.
- ▶ Após o término do trabalho, leia o que está escrito nos papéis.

Atividade

- ▶ Distribua aos participantes tiras de sulfite e canetas.
- ▶ Escreva no quadro-negro "agressão" e pergunte ao grupo o que eles entendem quando ouvem essa palavra.
- ▶ Solicite que cada um(a) escreva nos papéis recebidos, sem se identificar, o que pensa a respeito por meio de palavras-chave.
- ▶ Após alguns minutos, recolha os papéis e afixe no quadro as ideias parecidas.
- ▶ Em seguida, solicite aos/às participantes que escrevam, novamente, em que situações se sentem agredidos(as).
- ▶ Repita o procedimento, recolhendo os papéis e colando na lousa as ideias próximas;
- ▶ Procure relacionar quais tipos de agressões são as que se aplicam a qualquer pessoa e quais aquelas que atingem mais as mulheres lésbicas. Pergunte por que há uma diferença.
- ▶ Construa, com a participação de todos(as), o conceito de violência. Mostre que as pessoas têm diferentes maneiras de sentir e interpretar as situações do dia a dia.
- ▶ Instigue o debate a partir das questões a serem respondidas.

Conclusões

- ▶ Há diversas formas de violência (física, psicológica, moral, sexual, institucional, doméstica, intrafamiliar) e todas elas são consideradas violações de direitos humanos. Quando falamos desse assunto, geralmente pensamos em pessoas malvadas, que agridem, roubam e matam. Entretanto, se prestarmos atenção, vamos ver que existem outras possibilidades de exercício da violência que estão presentes o tempo todo nas relações entre as pessoas. Alguns exemplos:
 1. Um pai ou uma mãe bate em um filho ou filha em vez de tentar conversar;
 2. Uma pessoa menospreza outra por características como cor da pele, idade, classe social, orientação sexual, religião;
 3. Uma pessoa se utiliza de outra, por meio do abuso de autoridade, da chantagem ou da ameaça para obter o que deseja;
 4. Uma pessoa trata a outra com indiferença, desrespeito, desdém.
- ▶ A violência está sempre próxima. Ao contrário do que imaginamos, a violência não está só nas notícias dos jornais e do lado de fora de nossa casa. Ela já se manifesta, por exemplo, numa atitude de desprezo perante uma pessoa por ela ser diferente fisicamente, por pensar ou agir de modo diverso ao nosso.
- ▶ Na maioria das vezes, a segregação que o(a) aluno(a) homossexual sofre somente é notada pelo grupo de colegas mais próximos. A **discriminação velada** se manifesta por palavras irônicas, expressões fisionômicas, gestos, imitação desdenhosa ou representação de trejeitos. Quase sempre são insinuações em que fica difícil comprovar a intenção maldosa. Raramente o(a) aluno(a) homossexual vai procurar ajuda temendo receber represálias dos(as) adultos(as) e colegas que podem dizer "você mereceu!". Por isso mesmo, o sofrimento desses(as) adolescentes e jovens é enorme. A única maneira de combater a discriminação velada é estar atento para as brincadeiras, insinuações e zombarias muito comuns entre adolescentes e jovens e não permitir que passem despercebidas. Sempre que possível, procure conversar com o grupo sobre as diferenças individuais e sociais, em particular sobre a diversidade sexual, étnica, racial e de gênero, permitindo que tirem suas dúvidas.
- ▶ A **discriminação aberta**, por sua vez, é a rejeição explícita, a ofensa dirigida a alguém de forma declarada, para que todos vejam e ouçam. A discriminação aberta pode se expressar por meio de:
 1. agressões verbais – os(as) jovens e adolescentes costumam ofender com palavras cujo significado relaciona-se à homossexualidade, mesmo quando não estão se referindo a ela especificamente. Na verdade, não é a palavra que ofende, é a intenção, percebida pelo contexto e pela entonação de quem fere. Os insultos, as humilhações são claras manifestações de violência e de agressão.
 2. agressões físicas – são os tapas, empurrões, chutes e socos, que podem provocar lesões, pôr em perigo a integridade, a saúde e a vida de outra pessoa.

Finalização da oficina

- ▶ Solicite que se levantem e que deem as mãos formando um círculo.
- ▶ Explique que, agora, vão fazer um caracol da seguinte forma:
 1. duas pessoas soltarão as mãos.
 2. todo o grupo deverá se “enrolar” em volta de uma delas, formando um caracol.
- ▶ Quando o caracol estiver pronto, pergunte às pessoas como elas estão se sentindo “enroladas”.
- ▶ Pergunte, também, se é possível tirar alguma mensagem daquele “enrolamento”.
- ▶ Encerre dizendo que aquele formato em que está o grupo sugere o tronco de uma árvore. E para conseguir ficar de pé, é preciso que ele seja bem forte, como tem que ser a união de um grupo que se propõe a transformar o mundo num lugar menos violento.

Está na Lei

No Estado de São Paulo, a **Lei Nº 10.948**, de 5/11/2001, em seu artigo, 1º diz o seguinte: será punida toda manifestação atentatória ou discriminatória contra cidadão homossexual, bissexual ou transgênero (travesti, transexual). Então, mesmo no caso de se alegar que era apenas “brincadeira ou gozação”, a pessoa que discriminou a outra por conta da orientação sexual dela, pode ser processada. A lei atinge principalmente empresas e estabelecimentos (tais como escolas e serviços de saúde) podendo vir a aplicar multa, suspensão ou até mesmo cassar a licença de funcionamento. Um(a) funcionário(a) público(a) pode vir a perder o seu cargo.



Oficina 6:

Diferentes, porém iguais

Objetivos	Materiais necessários	Questões a serem respondidas
<p>Favorecer a reflexão sobre o preconceito e a discriminação que envolvem orientação sexual e identidade de gênero</p>	<p>Cartolinas, papel craft, papel madeira ou papel pardo</p> <p>Lápis, canetas coloridas, tesoura, cola, revistas velhas.</p> <p>Cartolina com 3 colunas na horizontal: a primeira com carinha sorrindo; a segunda com carinha séria; a terceira com carinha de tristeza.</p>	<ul style="list-style-type: none">▶ Quais são as formas de desrespeito que adolescentes homossexuais vivenciam? Por quê?▶ O que é homofobia? Como ela se manifesta?▶ Por que se diz que os(as) heterossexuais são "normais"? O que você acha disso?▶ Quem é de fato normal? E quem é anormal?▶ Quem tem o poder de definir a normalidade?▶ O que é ser "normal"?▶ O que é ser "anormal"?

Tempo: 2 horas

Integração

- ▶ Inicialmente, pergunte ao grupo quais os meios de comunicação que eles(as) conhecem e quais acham que têm mais influência na vida dos(as) adolescentes e jovens.
- ▶ Pergunte se eles(as) conhecem a música **Televisão**, cantada pelos Titãs.
- ▶ Distribua a letra e veja se alguém sabe cantá-la ou, caso contrário, peça para alguém ler.

Televisão - Titãs

A televisão me deixou burro
 muito burro demais
 agora todas as coisas que eu penso
 me parecem iguais
 o sorvete me deixou gripado
 pelo resto da vida
 e agora toda noite quando eu deito
 é "boa noite, querida"
 ô Críde, fala pra mãe
 que eu nunca li num livro
 que o espirro fosse um vírus sem cura
 e vê se me entende pelo menos
 uma vez, criatura
 ô Críde, fala pra mãe
 a mãe diz pra eu fazer alguma coisa
 mas eu não faço nada
 a luz do sol me incomoda
 então deixa a cortina fechada
 é que a televisão me deixou burro
 muito burro demais
 e agora eu vivo dentro dessa jaula
 junto dos animais
 ô Críde, fala pra mãe
 que tudo que a antena captar
 meu coração captura
 e vê se me entende pelo menos
 uma vez, criatura
 ô Críde, fala pra mãe

- ▶ Depois de cantada/lida, pergunte a eles(as) qual é a importância da comunicação nos dias de hoje e qual o seu poder nas atitudes das pessoas, e se concordam com a afirmação de que a *televisão deixa as pessoas burras*, como diz a letra da música.

- ▶ Explique que, nos dias de hoje, a comunicação assume um papel fundamental nos processos de compreensão do mundo e que seus diferentes veículos (rádio, TV, publicidades, internet etc.) são o principal espaço de circulação de informações e muito importantes para a formação da opinião pública.
- ▶ Encerre informando-os de que o conceito de “direito à comunicação” apareceu pela primeira vez na década de 1960 e foi se cristalizando em debates promovidos pela UNESCO, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Afirmar esse direito significa dizer que todo ser humano, individual e coletivamente, tem o direito de ser, além de espectador e leitor, produtor de informações.⁸ Portanto, cabe também aos(as) adolescentes e jovens, com seu potencial multiplicador, questionar e refletir, em sua escola e em sua comunidade, sobre as informações e situações que aparecem nos meios de comunicação que reproduzem os preconceitos e discriminações.

Atividade

- ▶ Divida os e as participantes em quatro grupos e explique que cada grupo será uma agência de publicidade que deverá fazer uma campanha para diminuir a vulnerabilidade de adolescentes e jovens em relação às DST/HIV/aids.
- ▶ Informe que cada grupo terá 5 minutos para “vender” sua campanha e que, para melhor apresentá-la, deverá elaborar um cartaz o mais criativo possível.
- ▶ Terão de 30 a 40 minutos para preparar a proposta e o cartaz que explica como será a campanha.
- ▶ Depois do término das apresentações, chame um(a) representante de cada grupo e avise que o cliente achou que a ideia estava muito ampla e que resolveu mudar a campanha. O grupo terá apenas mais 15 minutos para reformular o cartaz. Não poderá ser feito um novo cartaz, apenas poderá ser acrescentada uma nova frase no início ou no final da proposta inicial.
- ▶ Informe que a nova campanha deverá ser, agora, voltada somente para adolescentes e jovens que fazem parte da comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais)
- ▶ Após 15 minutos, os grupos farão a reapresentação do cartaz.
- ▶ Quando finalizarem, proponha uma votação em que se decida qual das propostas está mais adequada à comunidade LGBT.
- ▶ Encerre abrindo para o debate e estimulando os e as participantes a discutir a partir das questões a serem respondidas.

⁸ Cartilha Jovens e Comunicação: em defesa da diversidade. Revista Viração/CORSA/Instituto Patrícia Galvão/intervezes, em www.revistaviração.com.br. Acesso em 21 dez. 2008.

Conclusões

- ▶ De maneira geral, a população adolescente e jovem é uma das que mais vêm sendo acometidas por novas infecções pelo vírus do HIV/aids. Somado a isso, a violência e a discriminação urbana no meio jovem contribuem para a ampliação da infecção entre jovens e adolescentes gays que têm a vulnerabilidade acrescida por esses fatores.
- ▶ Em 2007, o Ministério da Saúde lançou um plano específico de enfrentamento da aids entre gays, travestis e homens que fazem sexo com homens (HSH). A necessidade desse plano se deve ao fato de estar aumentando o número de jovens gays e travestis infectados(as) pelo HIV.
- ▶ Dentre as vulnerabilidades, as quais está exposta a comunidade LGBT, encontram-se: a homofobia, a lesbofobia e a transfobia; a negação do direito à livre orientação sexual e de identidade de gênero; dificuldades de acesso ao diagnóstico, aos insumos de prevenção e ao tratamento das DST e aids.
- ▶ Segundo pesquisas, o medo do preconceito e da discriminação faz com que muitos adolescentes e jovens gays, bissexuais, travestis e transexuais evitem ao máximo procurar unidades públicas de saúde para acompanhamento médico.

Finalização da oficina

- ▶ Coloque a folha de cartolina com as carinhas no quadro.
- ▶ Peça que venham à frente e que façam um X na carinha que tem mais a ver com o que acharam desta atividade:

Sorrindo, se gostaram

Séria, se acharam mais ou menos

Triste, se acharam chata.

- ▶ Explore com eles(as) os resultados e os porquês de terem achado isso ou aquilo.

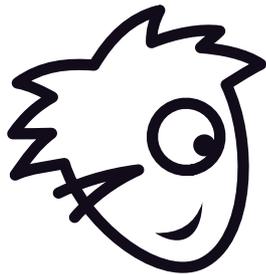
Quer saber mais?

Dê uma lida nos seguintes documentos:

Brasil sem Homofobia – www.aids.gov.br/data/Pages/LUMISE047F607PTBRIE.htm

Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia da Aids e das DST entre Gays, HSH

e Travestis http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_enfrentamento_epidemia_aids_hsh.pdf



Para
saber mais

Sessão de cinema

O segredo de Brokeback Mountain

Direção: Ang Lee

Conta a história de Ennis del Mar (Heath Ledger) e Jack Twist (Jake Gyllenhaal), dois jovens vaqueiros que se conhecem e se apaixonam em 1963, enquanto trabalham juntos em um serviço de pastoreamento de ovelhas na fictícia montanha de Brokeback, no Wyoming. O filme documenta o complexo relacionamento emocional, sexual e romântico que eles passam a ter durante vinte anos.

Philadelphia

Direção: Jonathan Demme

Andrew Beckett é um advogado famoso que, contratado por uma importante firma de advocacia, tenta fugir do preconceito não mencionando a verdade sobre sua sexualidade e seu estado de saúde. Quando adoece e começa a apresentar-se magro e com os primeiros sintomas da aids é despedido da firma por seus chefes, que se revelam altamente preconceituosos. Lutando por justiça, contrata outro advogado para defendê-lo e que se revela secretamente um homofóbico. O filme apresenta com muita sensibilidade o terrível efeito social da aids, suas origens e a dor que provoca, bem como a questão do preconceito contra homossexuais ou portadores do vírus HIV, e a relação mútua e confusa do preconceito perante essas duas questões na sociedade americana da época.

Uma estranha atração

Direção: Paul Bogart

Este filme mostra um relacionamento entre um travesti e um heterossexual, e as reações deste último ao descobrir que não só se sentiu atraído por um travesti como ainda desejava se envolver mais.

Tomates verdes fritos

Direção: Jon Avnet

Evelyn é uma dona de casa muito reprimida, que habitualmente afoga suas mágoas comendo doces. Toda semana ela e seu marido, Ed, vão visitar uma tia em um hospital. Enquanto Evelyn espera que Ed termine sua visita, conhece Ninny Threadgoode, uma gentil senhora de 83 anos que ama contar histórias. Semana após semana, Ninny relata histórias centradas em duas jovens, Ildgie e Ruth, que são hostilizadas pelas pessoas da cidade onde vivem por fugirem aos padrões convencionais.

Desejos proibidos

Direção: Jane Anderson, Marta Coolidge e Anne Reche

São três histórias envolvendo casais lésbicos em várias gerações e em épocas diferentes: a primeira trata de um casal de senhoras que se relacionam há bastante tempo; a segunda é sobre a questão da identidade de gênero entre um casal de lésbicas; a última história é a de um casal de mulheres que pretende engravidar.

Assunto de meninas

Direção: Lea Pool

A cena se passa em um colégio interno onde duas garotas se apaixonam uma pela outra, mas tudo muda quando a irmã de uma delas descobre.

Delicada atração

Direção: Hettie MacDonald

Fala sobre dois adolescentes que juntos descobrem sua sexualidade, abordando ainda todos os problemas enfrentados por serem "diferentes".

Meninos não choram

Direção: Kimberly Peirce

Relata a juventude de uma jovem garota que decide assumir sua orientação sexual, mas que, para fugir do preconceito e discriminação, adota nova identidade, transformando-se no garoto Brandon.

Minha vida em cor-de-rosa

Direção: Alain Berliner

É a história de um garoto, cuja identidade de gênero é feminina, que enfrenta diversos problemas na relação com a sua família, amigos e sociedade.

Transamérica

Direção: Ducan Tucker

Uma transexual que deseja fazer a cirurgia para mudança de sexo descobre que tem um filho. A história trata do convívio entre os dois durante uma viagem.



Perguntas e respostas⁹

Sexualidade e sexo são diferentes?

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (1975), a **sexualidade** forma a parte integral da personalidade de cada um de nós. A vivência da sexualidade é própria do ser humano, é uma dimensão da liberdade humana e está relacionada com a busca do prazer físico e emocional. A vivência da sexualidade não se limita à relação sexual, pois envolve sentimentos, e nos motiva a procurar o contato físico e afetivo, a intimidade de um relacionamento, podendo ou não haver reprodução. Nesse sentido, a nossa sexualidade é processo que se inicia em nosso nascimento, vai até a nossa morte e envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossa cultura. Já o **sexo** refere-se às características físicas ou anatômicas que distinguem o macho e a fêmea, isto é, remete a questões biológicas de cada pessoa.

Quem nasce com um pênis pensará e agirá como um homem? Quem nasce com uma vagina pensará e agirá como uma mulher?

A **identidade de gênero** se estabelece a partir de um processo dinâmico e complexo, que envolve aspectos genéticos e sociais, no qual as pessoas se identificam com o masculino ou o feminino, não importando o seu sexo biológico. Por exemplo, há possibilidade de uma pessoa do sexo masculino formar uma identidade feminina, ou vice-versa, tornando-se um(a) transexual ou um(a) travesti. Isso nos faz pensar que a identidade de gênero não está estruturada necessariamente na imagem física que o indivíduo tem de si, ou seja, não segue necessariamente a base biológica (corporal) que se manifesta no sexo biológico. Ela estaria muito mais enraizada na percepção que a pessoa tem de si mesma, seus conceitos e sentimentos.

Todos os homens têm o mesmo jeito de ser masculino? Todas as mulheres têm o mesmo jeito de ser feminino?

O comportamento masculino e o feminino são constituídos a partir das prescrições e normas estabelecidas pelos indivíduos, pela sociedade, enfim, pela cultura. E pode ser muito diferente de um país para outro, de um estado para outro. Esse comportamento – essa forma de agir – é denominado de **papel de gênero**. O comportamento sexual é fortemente influenciado por esses papéis, por um modelo dominante de masculinidade e de feminilidade. Por exemplo, tomar conta de bebês é considerado uma atribuição feminina, uma vez que para a nossa cultura as mulheres seriam mais afetivas e delicadas para essa atividade. Apesar de, na atualidade, muitos homens participarem do cuidado com os filhos, de serem mais afetivos do que seus pais foram, ainda se espera que a mãe cuide das principais necessidades da criança, cabendo ao pai providenciar o sustento da família. O

⁹ Extraído e adaptado de Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. CORSA/ECOS, 2008.

modelo heterossexual de família, baseado numa divisão sexual do trabalho doméstico, ainda é predominante. Os papéis de gênero expressam os costumes de um dado momento histórico e, por isso, podem sofrer mudanças.

O sexo biológico determina por quem vou sentir desejo sexual?

O desejo sexual ou orientação sexual é a atração afetiva e sexual que uma pessoa sente pela outra. Essa atração pode ser:

- por alguém do sexo oposto e, nesse caso, a pessoa é heterossexual.
- por alguém do mesmo sexo e, nesse caso, a pessoa é homossexual.
- por ambos os sexos e, nesse caso, a pessoa é bissexual.

A pluralidade e a diversidade humanas também se aplicam à forma como nós nos relacionamos afetiva e sexualmente?

Sabemos que nós, seres humanos, somos seres diversos e plurais quanto às nossas características físicas e psíquicas. Essa diversidade/pluralidade também se aplica à maneira como cada um de nós se relaciona e se expressa afetiva e sexualmente. A sexualidade humana é complexa e combina aspectos biológicos, sociais, culturais e psíquicos.

A homossexualidade é parte da diversidade sexual?

Sim. A homossexualidade integra a diversidade sexual, assim como a bissexualidade e a heterossexualidade. A homossexualidade é a orientação sexual e afetiva para pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade não é doença física nem problema psicológico.

Toda orientação sexual é natural e espontânea? Ou é uma opção, uma escolha?

Hoje já se sabe que ser gay ou lésbica não é uma opção, porque não implica uma escolha. O(a) homossexual não opta por ser homossexual, assim como o(a) heterossexual não escolhe ser heterossexual, o mesmo acontecendo com os(as) bissexuais. É uma característica natural e espontânea. Sendo assim, é impossível a um(a) homossexual levar ou influenciar outra pessoa a ter a mesma orientação sexual que a dele(a). A sexualidade humana é um complexo de fatores genéticos, culturais, sociais.

Por que existe gente que diz que é errado usar o termo homossexualismo?

De acordo com o professor Cláudio Moreno do Rio Grande do Sul (www.sualingua.com.br/indice_geral.htm) os vocábulos terminados em **ismo**, no passado, eram usados exclusivamente para designar doutrinas, movimentos artísticos, estilos literários: **naturalismo**, **positivismo**, **classicismo**, **surrealismo** etc. Modernamente, contudo, esse sufixo passou a intervir na criação de vocábulos onde se percebe uma nítida intenção de criticar o exagero, o excesso. É o caso de **consumismo** onde o sufixo **ismo** indica a exagerada repetição ou intensificação de uma prática, ou seja, **consumista** é aquele(a) que consome sem critérios; **absenteísta** é quem vive faltando a seu emprego ou a suas aulas. Assim, ele sugere que se tome cuidado no uso desse sufixo pois, em alguns casos, ele é depreciativo.

É o caso do uso do termo homossexualismo, cunhado no séc. XIX por um médico alemão que atribuía a essa orientação sexual o caráter de doença. Melhor, então, usar a palavra **homossexualidade** e, pelas mesmas razões, utilizar lesbianidade em vez de lesbianismo, travestilidade em vez de travestismo etc.

Posso identificar um(a) homossexual pela aparência?

O fato de um homem apresentar uma atitude considerada em nossa cultura como mais feminina, ou uma mulher uma postura socialmente considerada masculina, não significa que todas as pessoas com esse comportamento sejam homossexuais. Esse mito é responsável por estigmatizar jovens de ambos os sexos e até crianças. Um menino que gosta de brincar com bonecas, uma menina que prefere lutar judô a dançar balé não serão necessariamente homossexuais na vida adulta. Muitos gays agem ou adotam um estilo de comportamento semelhante ao de homens heterossexuais. O mesmo acontece com as lésbicas.

O troca-troca na infância é um sinal de homossexualidade?

O troca-troca, tão comum na infância, não é indício de homossexualidade. Trata-se de curiosidade, de vivência da sexualidade, de descoberta do corpo e de formas de sentir prazer. Essa experiência não deve ser motivo de desespero, nem para os familiares, tampouco para os(as) educadores(as).

Se a mãe é superprotetora e o pai é ausente, o(a) filho(a) será gay ou lésbica?

Carinho, afeto e amor não tornam pessoas gays ou heterossexuais. Carinho e amor transformam as pessoas em seres mais humanos. Um pai ou uma mãe ausente também não influencia a orientação sexual dos(as) filhos(as). A única coisa que pode acontecer é, nesse caso, um filho ou uma filha não criar vínculo afetivo e de proximidade com seu pai ou sua mãe.



Referências

Bibliografia

- ABRAMOVAY, Miriam. *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.
- ADRIÃO, Maria. *Desafios da escola contemporânea: aids, sexualidades, relações raciais e gênero*. GAPA Bahia, Salvador, 2005.
- CORSA. *Educando para a diversidade: os GLBT na escola*. São Paulo: 2003.
- CORSA/ECOS. *Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. Edição especial, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1986, v.1.
- PICAZIO, Cláudio. *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998, pp. 36-37.
- PROMUNDO/ECOS/PAPAI/SALUD Y GÊNERO. *Série Trabalhando com homens jovens*. São Paulo, 2001.
- RAMIRES NETO, Luiz. *Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da USP, 2006.
- SILVA, Ricardo de Castro. *A orientação sexual: possibilidade de mudança na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras. Coleção Dimensões da Sexualidade, 2002.

¹ Cadernos SECAD/ Ministério da Educação, 2007, disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad>

² Adaptado da publicação: *Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. CORSA/ECOS, 2008

³ Estereótipo é um rótulo ou uma imagem preconcebida sobre determinada pessoa, coisa ou situação. O seu uso dá margem ao preconceito e a discriminação.

⁴ Adaptado das publicações: *Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. CORSA/ECOS, 2008; texto Identidade de Gênero, de Marcos Paulo da Juventude LGBT, Brasília, DF

⁵ Adaptado da publicação: *Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. CORSA/ECOS, 2008.

⁶ Adaptadas de: *O guia dos curiosos: Sexo*, de Marcelo Duarte e Jairo Bouer.

⁷ Situações inspiradas na publicação: *Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. CORSA/ECOS, 2008.

⁸ *Cartilha Jovens e Comunicação: em defesa da diversidade*. Revista *Viração*/CORSA/Instituto Patrícia Galvão/intervozes, em www.revistaviração.com.br. Acesso em 21 dez. 2008.

⁹ Extraído e adaptado de *Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. CORSA/ECOS, 2008.





SAÚDE e PREVENÇÃO Nas ESCOLAS

Afiliado para cuidar a vida.



Ministério da Educação

Secretaria de Vigilância em Saúde

Ministério da Saúde

